

IGREJA LOCAL E AS MUDANÇAS PARADIGMÁTICAS GLOBAIS: DESAFIOS PARA UMA MISSIOLOGIA DIASPÓRICA

Rebeca Elisie Fontoura¹

Resumo

O presente artigo busca analisar os impactos causados pelo crescente movimento migratório global para as comunidades locais e a oportunidade para missões locais a partir da diáspora. O crescimento das cidades e a diversidade cultural encontrada nos grandes centros urbanos trás consigo novos paradigmas e desafios para a missão e exigem novas abordagens e estratégias missionárias por parte da igreja. É necessário que a comunidade de fé entenda como fazer para alcançar a diáspora através de uma missão holística, mas também preparem os membros da diáspora para cumprirem seu papel na missão diaspórica e além dela. A igreja local se torna a peça-chave nessa integração, compreendendo a sua própria cultura, deixando de lado o etnocentrismo, contextualizando de forma fiel e se baseando em relações que vai além de afinidades para a criação de uma comunidade sobrenatural. Seguindo o exemplo bíblico, a igreja local pode se tornar o lugar de comunhão de pessoas de todas as raças, tribos, línguas e nações.

¹ Bacharel em Relações Internacionais, em Estudos Interculturais, ORCID: 0009-0001-8511-9128.

Palavras-chave: Diáspora, Igreja Local, Migração, Paradigmas, Missiologia, Contextualização.

Abstract

This article seeks to analyze the impacts of the growing global migratory movement on local communities and the opportunity for local missions from the diaspora. The growth of cities and the cultural diversity found in large urban centers brings with it new paradigms and challenges for mission and deactivates new missionary approaches and strategies on the part of the church. It is necessary for the faith community to understand how to reach the diaspora through a holistic mission, but also to prepare members of the diaspora to fulfill their role in diasporic mission and beyond. The local church becomes the key piece in this integration, understanding its own culture, setting aside ethnocentrism, contextualizing faithfully, and basing itself on relationships that go beyond layers to create a supernatural community. Following the biblical example, the local church can become a place of communion for people of all races, tribes, languages, and nations.

Keywords: Diaspora, Local Church, Migration, Missiology, Contextualization.

INTRODUÇÃO

O mundo mudou radicalmente no último século, e com isso, mudam também os desafios missionários da igreja local. Há alguns anos atrás, os missionários transculturais eram vistos como aqueles que cruzam fronteiras nacionais em busca de evangelizar culturas distantes. Porém, hoje “as cidades são a nova fronteira de missões cristãs”². Goheen afirma que “temos um futuro urbano – e esse futuro está rapidamente se tornando o presente –, gostemos ou não”³.

De acordo com Greenway, o mundo se tornou urbano no século XX. “No começo do século, apenas 13% da população mundial vivia em cidades. Já no

² GREENWAY, 2009. p. 576.

³ GOHEEN, M. W. **A Missão da igreja hoje**. [s.l.] Editora Ultimato, 2021, p. 300

fim do século, metade da população do mundo era urbana. Em 1950, só duas cidades, Nova York e Londres, tinham mais de 8 milhões de habitantes”⁴. Porém, já em 2012 o número subiu para 27 megacidades, das quais 21 estavam no hemisfério sul. Esse crescimento teve início com a Revolução Industrial no Hemisfério Norte e foi impulsionado pela globalização no Hemisfério Sul.

Referindo-se à realidade urbana em que a igreja se encontra, Carlos del Pino indaga: “haveria campo missionário mais vasto e desafiador?”⁵. De fato, esta transformação mundial demográfica e geográfica traz consigo uma carga de desafios e necessidade estratégica muito diferente se comparado aos séculos anteriores. Mas, também traz oportunidades novas para a pregação do evangelho.

Como resultado da migração, a cidade possui uma característica única: boa parte da população já passou por mudanças. De acordo com Greenway, pessoas que passam por tais experiências de vida se tornam mais abertas ao evangelho. Ele chegou à conclusão de que

Deus está por trás da migração em massa de pessoas para as cidades. Ele está criando novas oportunidades para a expansão do evangelho entre grupos não alcançados, provenientes de cidades e vilarejos distantes. É nossa tarefa aproveitar a oportunidade e executar a ordem missionária de Cristo. [...] A migração maciça para as cidades, que ocorre hoje no mundo, pode ser, na providência de Deus, uma chave para a evangelização mundial. Por meio da urbanização, Deus está trazendo pessoas de toda raça, tribo e língua a lugares onde possam ser alcançadas com o evangelho.⁶

De forma semelhante, o Movimento de Lausanne e a Rede Global da Diáspora acreditam que “a nova realidade da migração mundial pode acelerar a missão

⁴ Ibid. 2009. p. 576.

⁵ PINO, Carlos del. Cidades. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009, p. 582.

⁶ Op. cit. 2009. p. 578.

de Deus ao redor do planeta. A igreja global está diante de um momento *Kairós* — um tempo especial cheio de oportunidades e desafios”⁷.

Diante de tal oportunidade, a igreja passa a ter a responsabilidade de adequar suas abordagens e estratégias missionárias para abarcar os centros urbanos, principalmente as igrejas locais presentes na cidade. O desenvolvimento de igrejas vivas que pregam o evangelho e que se tornem a esperança para as cidades é a chave para as missões urbanas.

O Novo Testamento trata as igrejas como comunidades da “nova aliança” em Cristo, cuja missão é comunicar o evangelho e, pela sua presença e atividade, serem faróis e arautos do Reino de Cristo. Podemos dizer que as igrejas nas cidades são agentes transformadores de Cristo na sociedade. A estratégia de Paulo começou com evangelismo, continuou com plantação de igrejas e, por meio de seu ensino, escritos e exemplo, preparou as igrejas para serem luz, sal e fermento em suas respectivas comunidades. As igrejas que falham nisso são de pouca utilidade para a cidade.⁸

Portanto, é necessário que a igreja local desenvolva um papel transformador na cidade por meio da pregação do evangelho. Porém, a mudança populacional traz um novo desafio para a igreja local: a pregação e a membresia em um contexto multicultural. “Em muitos países, as populações urbanas são compostas por pessoas de vários contextos. Elas representam tribos diferentes, castas, raças e classes sociais e falam idiomas diferentes. Inevitavelmente, isso afeta a estratégia missionária e o desenvolvimento da igreja [...]”⁹.

De acordo com Wagner, os povos geograficamente distantes são tradicionalmente os alvos das investidas missionárias da igreja, mas no contexto urbano, há também um grupo que configura uma distância cultural, mas não geográfica.

⁷ **Pessoas em Movimento - Lausanne Movement.** Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/occasional-paper/pessoas-em-movimento#n-meros-em-crescimento-dados-e-tend-ncias>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

⁸ GREENWAY, 2009. p. 579.

⁹ Ibid. 2009. p. 578.

Nas cidades de hoje, povos culturalmente distantes podem estar vivendo do nosso lado, a uma ou duas quadras de distância, mas podemos não vê-los como alvos para compartilhar o evangelho. Bakke diz: “Eles não serão alcançados para Jesus Cristo, a menos que as igrejas existentes se tornem intencionalmente multiculturais ou que igrejas mais acolhedoras sejam estabelecidas por eles e para eles.”¹⁰

Wan afirma que a missão para a diáspora tem implicações globais, mas uma aplicação local. “É imperativo que todos, desde os líderes da igreja local até os membros da igreja, reconheçam não só o que Deus está fazendo em nível global, mas como isto envolve cada um deles em nível local”¹¹. Faz-se necessário, portanto, que a igreja local em centros urbanos compreenda seu papel nas missões transculturais, porém locais.

IGREJA LOCAL, DIÁSPORA E OS NOVOS PARADIGMAS

O Movimento de Lausanne define “diáspora” como: ““disperso” ou “espalhado”, encontrada na tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta) e algumas vezes no Novo Testamento”¹². Esse termo é

usado coletivamente para descrever grupos étnicos, nacionais ou linguísticos marcados por algum tipo de deslocamento. Diferentemente de migrantes, que são aqueles que cruzaram uma fronteira ou foram arrancados de sua terra natal sob condições diversas, a diáspora inclui tanto os migrantes quanto seus descendentes, cujas identidades e senso de pertencimento — reais ou simbólicos — foram moldados pela experiência de deslocalização, mistura cultural ou percepção compartilhada.¹³

¹⁰ WAGNER, C. Peter. Estratégia Missionária. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 569.

¹¹ WAN, Enoch. **Diaspora missiology : theory, methodology, and practice**. Editorial: Portland, Or: Institute Of Diaspora Studies Of Usa, Western Seminary, 2014, p.384, *tradução nossa*.

¹² **Pessoas em Movimento**, 2025.

¹³ Ibid, 2025.

Ou seja, a diáspora, que antes era o termo utilizado somente para os deslocados judeus, agora permite uma melhor análise do cenário global: o deslocamento pode ser interno (para um mesmo país), externo (para países estrangeiros), por diferentes motivos (desde perseguição e guerra até oportunidades empregatícias), voluntário ou involuntário, e afeta não só a primeira geração de deslocados, mas também sua descendência.

Por causa de sua variedade e abrangência, é difícil obter números que refletem a realidade da diáspora, porém, alguns estudos podem apontar o grande aumento que houve nos últimos anos. Se tratando de imigrantes internacionais, em 2020 era estimado que houvesse 281 milhões de pessoas morando em países diferentes do que nasceram, mais que o triplo dos 84 milhões que era estimado em 1970¹⁴.

Diante dessa realidade, a igreja, especialmente comunidades locais situadas em centros urbanos, é chamada a considerar uma missiologia da diáspora. De acordo com Wan essa “é uma nova área de pesquisa que não apenas estuda os fenômenos dos povos da diáspora, mas também busca estratégias e maneiras práticas de ministrar a eles”¹⁵.

Algumas das vantagens que a igreja local pode encontrar na missiologia da diáspora são: a sustentabilidade econômica, já que é uma missão local; a acessibilidade geográfica para alcançar o público-alvo; a facilidade política e legal, já que não precisam enfrentar restrições de outros países; a parceria entre pessoas e organizações que estão comprometidas com a Grande Comissão; o envolvimento de toda a igreja, à medida que não é uma missão levada apenas por experts ou missionários internacionais; se torna uma forma de encorajar cristãos da diáspora que não são sustentados pela igreja, para se tornarem trabalhadores para o reino; e o foco no sacerdócio do crente que é colocado na prática da missão.

De forma prática, a missiologia da diáspora deve se dar de algumas formas: uma missão para a diáspora e através da diáspora; uma missão holística; uma igreja local que pratica contextualização; e a formação de uma comunidade sobrenatural.

O Pacto de Lausanne afirma que “a evangelização mundial requer que a igreja inteira leve o evangelho integral ao mundo todo”¹⁶. Por isso, tratando-se de uma missiologia da diáspora, é necessário compreender seus dois aspectos: a diáspora como alvo do evangelho, e a diáspora como propagadora das boas-novas.

¹⁴ IOM. **World Migration Report 2024**. publications.iom.int, 2024.

¹⁵ WAN, 2014, p. 187, *tradução nossa*.

¹⁶ PACTO de Lausanne. *Lausanne Movement*. Disponível em: <https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne#a-igreja-e-a-evangeliza-o>. Acesso em: 4 dez. 2025.

Primeiramente, é necessário que a igreja enxergue na diáspora a oportunidade de evangelização e entenda como fazê-lo.

A prioridade das missões da diáspora é “toda pessoa fora do Reino, em todos os lugares”; não há diferença entre alcançar muçulmanos em Nova York ou Paris e aqueles em Singapura e Hong Kong, especialmente entre trabalhadores contratados e empregados domésticos. No cumprimento da Grande Comissão, evangelismo e discipulado podem acontecer em navios transatlânticos e cruzeiros, em campos de refugiados ou em enclaves étnicos de centros metropolitanos.¹⁷

Uma das formas importantes de se fazer isso, que é comumente deixado de lado, é a missão através da diáspora. Ou seja, membros da diáspora sendo capacitados para a missão entre seu próprio povo. O alcance do evangelho entre essas comunidades pode se tornar mais fácil e a comunicação da mensagem mais efetiva à medida que a própria diáspora dispões de vantagens se comparado aos nacionais. Como afirma Wan,

Uma maneira de alcançar a diáspora é por meio das redes sociais de indivíduos, congregações e comunidades cristãs da diáspora. Os cristãos da diáspora, depois de se estabelecerem nos países de acolhimento, são pontes naturais para alcançar seus conterrâneos recém-chegados, pois têm a vantagem de compartilhar a mesma língua e práticas culturais com seus contrapartes não cristãos.¹⁸

Mas para que isso se torne possível, é necessário que os cristãos da diáspora sejam capacitados e mobilizados pelas igrejas locais para terem paixão pelos perdidos e habilidades para alcançá-los. Precisa haver uma mobilização para que se tornem Trabalhadores do Reino e levem o evangelho de forma estratégica aos próprios grupos da diáspora.

Porém, o potencial para evangelização não acaba na diáspora, vai além. A partir do momento em que os membros da diáspora forem capacitados para evangelização estratégica, eles se tornam missionários também para a população local.

Indivíduos e congregações cristãs da diáspora têm o potencial de alcançar não apenas seus conterrâneos na diáspora, mas também de expandir seus esforços missionários para participar de missões transculturais, alcançando membros da sociedade anfitriã. As experiências da diáspora os tornaram adaptáveis a novas línguas e

¹⁷ Op. cit. 2014, p. 187, *tradução nossa*.

¹⁸ Ibid. 2014, p. 187, *tradução nossa*.

culturas, preparando-os informalmente para o evangelismo transcultural.¹⁹

Se faz necessário que a igreja local capacite e envie a diáspora em missões entre a diáspora e além dela. O método de envio de missionários para países estrangeiros precisa se

ampliar para engajar efetivamente as populações da diáspora em todos os lugares. Aquelas que antes eram nações enviadoras se tornaram hoje campos missionários, e migrantes provenientes das então nações receptoras, agora estão ativamente alcançando tanto seus compatriotas quanto os povos dos países anfitriões.²⁰

Goheen afirma que “nossas palavras evangelísticas devem fluir de uma comunidade cuja vida demonstra a verdade do evangelho. Palavras podem ser baratas”²¹. A evangelização não deve somente se preocupar com o discurso, apesar de sua importância, mas deve ser afirmada por suas ações. A igreja que acredita que Deus irá redimir toda a criação, deve demonstrar sua preocupação com toda a criação através de suas ações.

“Se quiser oferecer um testemunho fiel do evangelho, a igreja deve ser vista como uma comunidade que se doa pelo bem do outro, uma comunidade que está profundamente envolvida nas necessidades e preocupações de sua vizinhança”²². Isso inclui agir em favor das necessidades específicas da diáspora.

As missões de diáspora envolvem uma abordagem holística que aborda as necessidades espirituais, sociais e práticas das comunidades da diáspora em terras estrangeiras, oferecendo serviços sociais, aulas de idioma, assistência para emprego e suporte comunitário, além do compartilhamento do evangelho — especialmente para aqueles deslocados em circunstâncias difíceis²³.

O exemplo das aulas de idioma é suficiente para compreensão da necessidade de um olhar particular que a igreja local deve ter para carências da

¹⁹ WAN, 2014, 189, tradução nossa.

²⁰ **Pessoas em Movimento**, 2025.

²¹ GOHEEN, 2021, p.198.

²² Ibid. 2021, p. 203.

²³ **Pessoas em Movimento**, 2025.

diáspora. Wan informa que “a língua se mostra um dos fatores mais importantes para a integração comunitária”²⁴, e

fornecer recursos educacionais adicionais, como reforço escolar para crianças em idade escolar e cursos de inglês para adultos, tem se mostrado um método eficaz para ajudar grupos da diáspora [...] a se integrarem às comunidades locais. Isso também nos oferece uma excelente oportunidade para construir relacionamentos com indivíduos e abre a porta para o testemunho pessoal.²⁵

Portanto, entender quais são as demandas da comunidade da diáspora possibilitará a igreja local a ser vista como uma comunidade comprometida com a compaixão e justiça. Isso abrirá caminhos para a pregação para todos os povos, línguas e nações que se encontram na cidade.

Porém, ao ter acesso às comunidades diaspóricas, a igreja se depara com o desafio da comunicação transcultural.

IGREJA LOCAL E A CONTEXTUALIZAÇÃO

A contextualização é uma parte essencial da evangelização. Del Pino define contextualização como “uma ampla tarefa hermenêutica de compreender a palavra de Deus e transportar seu sentido para o contexto atual ou para o contexto do outro, causando o mesmo impacto que causou aos primeiros ouvintes”²⁶. O evangelho precisa ser comunicado de forma fiel em “todas as culturas, e [...] deve ser incorporado em um modo de vida. E, assim, a relação desse evangelho com a cultura é uma preocupação da igreja em missão por toda parte [...]”²⁷

Por exemplo, pode ser feito um contraste entre o Cristianismo e o Islã. Enquanto no último, é necessário que a pessoa interessada aprenda o idioma árabe para ler o Alcorão e a cultura muçulmana para se tornar adepto, Jesus escolheu uma comunidade para levar o evangelho a todas as nações até os

²⁴ WAN, 2014, p. 398, *tradução nossa*.

²⁵ Ibid. 2014, p. 399, *tradução nossa*.

²⁶ PINO, 2009. p. 584.

²⁷ GOHEEN, p. 214.

confins da terra. “A natureza do evangelho e da missão da igreja exige que ele seja traduzido para o idioma de muitas culturas”²⁸.

Desta forma, quando estamos levando a mensagem à diáspora, isso “demanda a capacidade de contextualizar a mensagem de Cristo, de modo espiritualmente autêntico, em múltiplos contextos, sem perder sua essência transformadora”²⁹. Porém, muitas vezes, as comunidades da diáspora possuem culturas que são estranhas à igreja local — tornando a tarefa ainda mais desafiadora.

Wan aponta a seguinte solução: “para alcançar pessoas na diáspora, precisamos atravessar com sucesso a distância cultural que nos separa. A divisão cultural é uma barreira formidável, pois faz com que nós e nossa mensagem sejamos percebidos como estrangeiros”³⁰. A cultura é a lente pela qual enxergamos o mundo e “para as pessoas da diáspora que deixaram tudo para trás, a cultura é o elemento que lhes dá identidade — pode ser tudo o que lhes restou”³¹, então não deve ser um aspecto negligenciado pela igreja.

O primeiro passo para esse exercício é os membros da igreja local deixarem de lado o etnocentrismo. O ser humano tem a tendência de enxergar sua própria cultura como superior ou mais avançada ou iluminada. Porém, Wan afirma que é necessário aprender com as diferenças culturais encontradas, começando com a percepção de que não existem culturas perfeitas — incluindo a sua própria. Goheen compara o etnocentrismo com uma jaula que pode aprisionar e domar o poder do evangelho. Nesse sentido, o evangelho estaria estritamente ligado com a sua expressão cultural, a qual se teria tornado normativa para todos. Essa foi a queixa de muitos povos com relação às missões realizadas pelo ocidente, que pregavam suas formas culturais além das boas-novas.

O oposto também deve ser evitado: o relativismo. “Essa é a situação em que nenhuma expressão cultural pode ser julgada boa ou ruim pela Escritura ou pela igreja proveniente de outra cultura”³². Ao invés disso, a igreja local precisa desenvolver uma visão sóbria sobre a cultura. Isso inclui enxergar, acusar e rejeitar a idolatria e pecado presente em todas as culturas, ao mesmo tempo que afirma as expressões culturais que não estão em oposição com o evangelho.

Após o distanciamento do etnocentrismo e o cuidado para não cair no relativismo, a igreja precisa começar a compreender a cultura da diáspora em questão.

²⁸ Ibid. 2021, p. 215.

²⁹ **Pessoas em Movimento**, 2025.

³⁰ WAN, 2014, p. 409, *tradução nossa*.

³¹ Ibid. 2014, p. 409, *tradução nossa*.

³² GOHEEN, 2021, p. 217.

Para alcançar pessoas na diáspora, precisamos possuir ao menos um conhecimento básico da história, cultura, idioma, religião, costumes e normas da comunidade da diáspora. Saber algo sobre sua história, seu país e sua cultura demonstrará que nos importamos com eles e reduzirá muito a sensação de ameaça que podem sentir. Outras ações incluem tomar a decisão de se aproximar, aprender saudações básicas em sua língua nativa, frequentar seus estabelecimentos comerciais e comer em seus restaurantes.³³

Na prática da missão da diáspora, a aproximação com as diferentes culturas fará com que a igreja local aprenda a contextualizar o evangelho para grupos específicos. Uma boa prática que pode ser incentivada entre os membros é o de fazer várias perguntas — e ouvir as respostas com sensibilidade. Também pode-se aprender a persistir nos convites para se aproximar das pessoas, praticando a hospitalidade. Muitas vezes, quando alguém de fora da cultura faz uma tentativa de aproximação ousada ela é respondida de forma educada, mas sem intenção de se concretizar. Porém, a persistência é que construirá as pontes entre culturas. Os membros da igreja não deveriam tentar uma vez e desistir.

Uma aproximação com a cultura permitirá uma pregação fiel do evangelho, assim como a demonstração de amor e hospitalidade que são parte essencial da vida em igreja. Somente assim os fiéis podem começar a derrubar os muros culturais e linguísticos que separam os locais da diáspora.

IGREJA LOCAL: UMA COMUNIDADE SOBRENATURAL FRENTE AO MULTICULTURALISMO

Uma das maiores dificuldades da diáspora em todo lugar é o aspecto relacional, relativo também ao senso de pertencimento. Muitas políticas sobre integração já foram escritas para tentar solucionar o problema, desde políticas de assimilação — em que imigrantes precisam se adaptar totalmente a cultura local, o que gera muitos conflitos — até o multiculturalismo — que prega a convivência e igualdade entre as culturas, mas que resulta em um distanciamento entre a diáspora e os locais. Porém, o maior potencial para integração está na igreja local.

A Igreja é feita de muitos membros de todos os povos, tribos, línguas e nações (cf. 1 Coríntios 12 e Apocalipse 7.9-11). Desde o primeiro século ela precisou lidar com as diferenças culturais entre os membros, à medida que os gentios se tornavam cristãos e a prática do judaísmo era revista. Em Gálatas, o Apóstolo Paulo acusa os judaizantes de tentar escravizar os gentios através da exigência de cumprimento da lei (cf. Gálatas 2). Da mesma forma, Lucas registra que no

³³ Op. cit. 2014, p. 410, *tradução nossa*.

Concílio de Jerusalém foi decidido que a prática da circuncisão (necessária na cultura judaica) não poderia ser imposta aos gentios (cf. Atos 15), mas, ao mesmo tempo, eles deveriam se abster de “[...] carne sacrificada aos ídolos, de sangue, da carne de animais estrangulados e da prática de imoralidade sexual” (Atos 15.29).

Portanto, a convivência de muitas culturas em uma mesma comunidade foi presente desde a igreja primitiva — incluindo os desafios que isso implica. A igreja começou como o lugar em que membros de outros povos poderiam se integrar, sendo desafiados a abandonar a idolatria de suas culturas, mas sendo afirmados como iguais em Cristo (cf. Gálatas 3.28). A igreja local do século XXI deve perpetuar essas práticas e se opor à separação e segregação. Mas, ela deve aprender a como fazer isso.

Wan afirma que “as igrejas locais precisam pensar em como acolher esses indivíduos e ajudá-los à medida que se juntam à nossa comunidade”³⁴. E para os membros da diáspora, essas barreiras vão além do idioma — há uma “tremenda diferença na cultura, visão sobre a família e, claro, religião. Essas barreiras podem ser bastante formidáveis, pois o medo de perder a própria cultura pode ser avassalador”³⁵

O papel da igreja local é não só afirmar a importância da diversidade, como fazer o esforço para a relação entre povos.

O paradigma relacional é uma resposta cristã oportuna ao clamor geral por relacionamentos no século XXI. Casamentos fracassados, famílias desfeitas e um crescente sentimento de alienação — resultantes da urbanização e da globalização — são apenas alguns dos muitos fatores que contribuem para a fome por relacionamentos humanos entre o homem moderno na sociedade contemporânea.³⁶

E, construindo relacionamentos que não esperam que a diáspora abandone todas suas diferenças culturais, o resultado seria menos parecido com um “caldeirão cultural” e mais como uma “tigela de salada”, onde os povos são misturados em um todo, e, ao mesmo tempo preservam suas características individuais.

Essa realidade é possível através do que Mark Dever chama de “comunidade sobrenatural”. De acordo com o autor, para formar uma comunidade, não é necessário o evangelho. Existem muitas ferramentas que tornam fácil a atração de pessoas para a igreja local, baseadas em semelhanças não espirituais, como igrejas com experiência de vida semelhante (grupos de solteiros, estudos bíblicos para recém-casados etc.), ou de identidade semelhante (igrejas de

³⁴ WAN, 2014, 394, *tradução nossa*.

³⁵ Ibid. 2014, p. 399, *tradução nossa*.

³⁶ Ibid. 2014, p. 198, *tradução nossa*.

cowboys, *motoqueiros*, *artistas* etc.), causa semelhante, necessidades semelhantes ou até posição social semelhante. Porém, mesmo que a igreja local possa ter programas que unem pessoas de acordo com afinidades, não deveria ser edificada em algo que existiria se Deus não existisse. Mark Dever dá a esse fenômeno o nome de “comunidade evangelho mais”, pois é baseada em algo além do evangelho. Mas, em contraste, a “comunidade que revela o evangelho” não depende somente de relacionamentos baseados em afinidades. Nesses lugares, “os líderes da igreja se focalizam em ajudar as pessoas a saírem de sua zona de conforto e cultivar relacionamentos que não seriam possíveis sem o sobrenatural”³⁷.

Comparando com a comunidade para qual Paulo escreveu Efésios, Dever afirma que a comunidade que revela o evangelho deve-se mostrar de duas formas: na largura e na profundidade. A primeira tem relação à inclusão de “pessoas tão divergentes quanto judeus e gentios”³⁸. A segunda diz respeito a unir as pessoas não apenas

para tolerar umas às outras, mas também para serem tão estritamente comprometidas que Paulo as chama “novo homem” e “nova família” (Ef 2.19). Paulo recorre aos laços mais profundos do mundo natural – os laços de etnia e de família – para descrever essa nova comunidade na igreja local³⁹.

Quanto mais uma comunidade prega o Evangelho e seus membros entendem sobre o perdão e o amor sobrenatural, mais a igreja se edifica para além de semelhanças, como a identidade cultural, mas como verdadeiro povo sobrenatural de Deus.

Mas, isso não significa que questões culturais deixam de ser relevantes ou que problemas são neutralizados. Mesmo em uma comunidade sobrenatural, a barreira cultural continua a ser uma preocupação. Por isso, também é necessário o desenvolvimento do que Hiebert chama de “comunidade bicultural”. De acordo com ele, a medida em que as pessoas se relacionam nas igrejas, devem ser criados novos padrões

de vida, trabalho, diversão e louvor — em resumo, uma nova estrutura cultural.

[...] É mais do que a soma ou a síntese dessas culturas. Na interação, sempre surgem novos padrões. No final, se a comunicação do evangelho ocorre entre pessoas de diferentes culturas, uma

³⁷ DEVER, Mark. **A Comunidade Cativante**. Editora Fiel, São Paulo, 2016, p. 29.

³⁸ Ibid. 2016, p. 32.

³⁹ Ibid. 2016, p. 33.

comunidade bicultural satisfatória deve ser trabalhada para que os dois lados encontrem uma medida de entendimento, confiança e satisfação mútuos.⁴⁰

Como afirmado pelo autor, a comunidade não passaria a ser uma síntese das culturas — concordando com a comparação da “tigela de salada” de Wan. Hiebert define essa igreja como um lugar onde “dois mundos se encontram. É constituída de pessoas que conservam ligações com suas culturas originais, mas que se encontram e trocam ideias”.⁴¹

Para isso, é vital o papel

dos cristãos nos países anfitriões como *construtores de pontes* entre as comunidades da diáspora e as igrejas locais, atuando como defensores, mediadores e tradutores culturais. Esses cristãos facilitam o diálogo intercultural e ajudam os migrantes a se integrarem à nova sociedade, ao mesmo tempo em que são transformados por essas relações.⁴²

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As cidades cada vez mais se tornam uma oportunidade para missões transculturais. A diáspora encontrada nos centros urbanos deve se tornar parte da estratégia missionária da igreja. E, como afirma Wan, as agências missionárias “não têm o contexto local necessário para alcançar pessoas na diáspora”⁴³, portanto, o dever de alcançar, evangelizar, incluir e discipular a diáspora pertence à igreja local.

Nosso objetivo, portanto, deve ser simplificar nossa compreensão da missiologia da diáspora e comunicá-la de forma clara, de modo que o membro comum das nossas igrejas locais possa começar a dar passos práticos para viver como testemunha entre as pessoas da diáspora com quem já mantém contato. As organizações missionárias, sozinhas, não conseguem alcançar eficazmente essas pessoas.⁴⁴

⁴⁰ HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**. Edições Vida Nova, p. 230.

⁴¹ HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**. Edições Vida Nova, 231.

⁴² **Pessoas em Movimento**, 2025.

⁴³ WAN, 2014, p. 385, *tradução nossa*.

⁴⁴ Ibid. 2014, p. 385, *tradução nossa*.

Os membros da igreja local, assim como a liderança, precisam ser preparados e treinados para lidar com as diferenças culturais, aprenderem a contextualizar a mensagem do Evangelho e entenderem como suprir as necessidades específicas dos grupos da diáspora que se encontram em suas cidades. Da mesma forma, cristãos membros da diáspora precisam ser motivados para trabalharem como agentes do Reino de Deus, pregando o evangelho para todos os povos e entendendo o papel importante que têm para a missão de Deus, a partir do lugar onde estão, ainda que não tenham sido enviados para outro local por uma igreja.

Somente com a formação de uma comunidade sobrenatural é que pessoas em diáspora realmente serão integradas na igreja. O objetivo não pode ser que o migrante simplesmente ignore diferenças culturais, nem que a igreja local defina um público-alvo e busque atrair as pessoas através de grupos de semelhança. Mas, à medida que o Evangelho é conhecido, ele se torna o ponto de união entre as pessoas, mesmo que isso ainda signifique que os desafios não desaparecerão — assim como foi na igreja primitiva.

REFERÊNCIAS

DEVER, Mark. **A Comunidade Cativante**. Editora Fiel, São Paulo, 2016.

HIEBERT, Paul G. **O Evangelho e a Diversidade das Culturas**. Edições Vida Nova, 2001.

IOM. **World Migration Report 2024**. publications.iom.int, 2024.

GOHEEN, M. W. **A Missão da igreja hoje**. [s.l.] Editora Ultimato, 2021.

GREENWAY, Roger S. O Desafio das Cidades. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 576–581.

LAUSANNE MOVEMENT. *Pacto de Lausanne*. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/statement/pacto-de-lausanne#a-igreja-e-a-evangeliza-o>>. Acesso em: 4 dez. 2025.

Pessoas em Movimento - Lausanne Movement. Disponível em: <<https://lausanne.org/pt-br/occasional-paper/pessoas-em-movimento#n-meros-em-crescimento-dados-e-tend-ncias>>. Acesso em: 18 nov. 2025.

PINO, Carlos del. Cidades. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 564–575.

WAGNER, C. Peter. Estratégia Missionária. In: WINTER, Ralph; HAWTHORNE, Steven (Orgs.). *Perspectivas no movimento cristão mundial*. 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 564–575.

WAN, Enoch. **Diaspora missiology : theory, methodology, and practice**. Editorial: Portland, Or: Institute Of Diaspora Studies Of Usa, Western Seminary, 2014.